

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE RONDÔNIA – IFRO/CAMPUS VILHENA

EVOLUÇÃO DA

ARQUITETURA RONDONIENSE

ANÁLISE MORFOLÓGICA E ESPACIAL DAS
HABITAÇÕES (1910-1960)

Tainá Sousa Oliveira
Áurea Dayse Cosmo da Silva

VILHENA/RO
2021



INSTITUTO FEDERAL
Rondônia

Campus
Vilhena

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE RONDÔNIA – IFRO/CAMPUS VILHENA

EVOLUÇÃO DA ARQUITETURA RONDONIENSE: ANÁLISE MORFOLÓGICA E ESPACIAL DAS HABITAÇÕES [1920-1960]



Tainá Sousa Oliveira ¹, Áurea Dayse Cosmo da Silva²

¹ Estudante do Curso de Arquitetura e Urbanismo - IFRO. E-mail: <sousataina36@gmail.com>

² Professor do Curso de Arquitetura de Urbanismo - IFRO. E-mail: <aurea.silva@ifro.edu.br >

VILHENA/RO
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca IFRO – Campus Vilhena

R48e

OLIVEIRA, Tainá Sousa

Evolução da arquitetura rondoniense: análise morfológica e espacial das habitações (1920-1960) / Tainá Sousa Oliveira – Vilhena, Rondônia, 2021.

25f. : il.

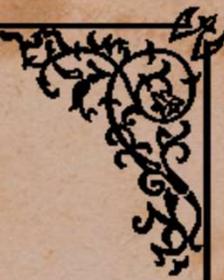
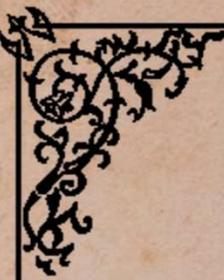
Orientadora Profª. Ma. Aurea Deyse Cosmo da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo)
– Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO

1. Arquitetura imigrante 2. Programa de necessidades 3. Habitações I.
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO II.
Titulo

711

Bibliotecária responsável Rosilene Maria do Couto Marques CRB 11/321



TAINÁ SOUSA OLIVEIRA

**EVOLUÇÃO DA ARQUITETURA RONDONIENSE:
ANÁLISE MORFOLÓGICA E ESPACIAL DAS HABITAÇÕES
(1920-1960)**

Trabalho de conclusão de curso elaborado como pré-requisito para aprovação no Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, do Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Vilhena.

Orientador (a): Áurea Dayse Cosmo da Silva

VILHENA/RO
2021



A decorative scroll with a laurel wreath border. The scroll is unrolled in the center, with the text inside. The wreath is made of laurel branches with leaves and small berries. The scroll has a textured, lined appearance. The entire page is framed by a black border with ornate floral corner decorations.

Agradecimentos

Dedico o presente trabalho às mulheres que me criaram, das quais sou espelho. Minha mãe, minha avó, minha tia e minha irmã. Sem vocês, nada disso seria possível.

Aos amigos que cativei nessa jornada acadêmica, vocês sempre serão a minha segunda família.

E aos meus professores, que nos ofertaram aquilo que havia de mais valioso em cada um: o conhecimento. Em especial, agradeço a minha orientadora professora Aurea.

Sumário

1. O INÍCIO DE UM ESTADO	07
2. CONCEITOS E REFLEXÕES	09
2.1 Morfologia arquitetônica e relações sociais	09
3. ETAPAS DE REALIZAÇÃO	10
3.1 Levantamento de campo	10
3.2 Pesquisa documental	11
3.3 Revisão de literatura	11
3.4 Análise Morfológica	11
4. ARQUITETURA E RELAÇÕES SOCIAIS	12
4.1 Primeiro Ciclo da Borracha: habitações em 1910	13
4.1.1 Os casarões de Madeira	13
4.1.2 As casas de Taipa	15
4.2 Segundo Ciclo da Borracha: habitações em 1940	17
4.2.1 As habitações do Bairro Caiari	17
4.2.2 Habitações dos Soldados da Borracha	18
4.3 Construção da BR-29: habitações em 1960	20
4.3.1 Habitações do DNER	20
4.3.2 Habitações na agricultura	22
4.4 A evolução em três décadas: Aspectos internos e externos das edificações	23
5. CONSIDERAÇÕES PARA O FUTURO	24
REFERÊNCIAS	25

1. O INÍCIO DE UM ESTADO

INTRODUÇÃO



Rondônia é um estado que passou por intensos processos de colonização, motivados principalmente pela exploração de recursos naturais, como os ciclos da borracha no início do século XX e durante a Segunda Guerra Mundial, e os projetos de colonização agrícola em meados da década de 1970. Cada um dos processos foi marcado pela instalação e/ou estímulo ao crescimento de núcleos populacionais, caracterizados pelas residências construídas a partir das experiências de seus colonos e dos materiais e condições disponíveis em cada região. A partir da temática proposta, buscou-se analisar a morfologia das habitações rondonienses e características do programa de necessidades em comparação aos estilos de vida e classes sociais de seus usuários, no período entre 1920 a 1960. Os procedimentos metodológicos empregados para alcance dos resultados foram os levantamentos de campo, pesquisas documentais, revisão de literatura, análises e organização dos dados e análises morfológicas. O processo resultou na compreensão de algumas das principais influências externas e locais que se refletiam na morfologia das fachadas e relação dos ambientes internos nas edificações analisadas. A partir da segregação entre as classes sociais, é perceptível em cada ciclo econômico a divergência entre elementos de uma arquitetura planejada para administradores e influentes e a arquitetura improvisada voltada a operários e empregados. Por tratar-se de uma temática pouco abordada em trabalhos científicos no estado de Rondônia, o estudo teve como desafio a ausência de registros bibliográficos, fator que o torna, consequentemente, uma futura fonte de estudos da arquitetura histórica rondoniense.

Palavras-chave: Arquitetura imigrante, programa de necessidades, habitações



A história do estado de Rondônia é marcada por inúmeras tentativas de ocupação. Há mais de três séculos, os preciosos minérios atraíram as primeiras expedições luso-brasileiras, em especial, o ouro era o mais cobiçado material extraído no solo da Amazônia rondoniense durante o Ciclo do Ouro no Vale do Guaporé. Posteriormente, destaca-se o Ciclo da Borracha, o primeiro grande acontecimento, responsável por atrair uma grande quantidade de indivíduos para o trabalho operário nos seringais e na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Durante a Segunda Guerra Mundial, a década de 1940 é marcada por mais um grande fluxo migratório, em decorrência da reativação dos seringais. Entretanto, é na década de 1970 que ocorre o fluxo de maior intensidade visto até o momento na região, destacado através da distribuição de terras para produção agrícola aos colonos de outros estados do Brasil.

É possível afirmar que os períodos de ocupação territorial protagonizados pelo atual estado de Rondônia são marcados por intensos ciclos econômicos. Para a presente pesquisa, três destes ciclos foram escolhidos, por tratarem-se de períodos de intenso fluxo migratório e desenvolvimento urbano. O primeiro período compreende as habitações construídas durante a colonização de americanos, ingleses e diversas outras nacionalidades para a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré no início do século XX. O segundo ciclo abordado corresponde à Segunda Guerra Mundial, com a reativação dos seringais e a chegada dos Soldados da Borracha à Amazônia. E o terceiro ciclo trata-se do período de instalação da BR-029, acontecimento que incentiva a

descentralização de ocupação territorial no estado, para além da capital Porto Velho.

O período que compreende o final do século XVIII e as primeiras décadas do século XX, refere-se historicamente ao primeiro Ciclo da Borracha, um momento de importantes descobertas econômicas nas matas amazônicas. O látex, material extraído das seringueiras, foi o estopim para desencadear uma série de disputas por terras amazônicas. Brasileiros e estrangeiros deslocaram-se ao norte do país para aprender os métodos de extração, ocupar os inúmeros seringais da região e desenvolver povoados em torno dos postos de venda e compra de materiais destinados aos seringais (GONÇALVES, 2017).

A segunda etapa desse ciclo é marcada pela disputa entre Brasil e Bolívia pela região que, atualmente, corresponde ao estado do Acre. Ao mesmo tempo, a possibilidade de navegação e escoamento de produtos por grandes rios como Madeira e Mamoré incentivaram os interesses de exportação pelo Oceano Atlântico. Tais fatores, têm por resultado, em 1903, a criação do “Tratado de Petrópolis”, firmado entre Brasil e Bolívia e, tendo como principal objetivo, a definição entre as fronteiras de ambos os países. No Tratado, fica definido a posse brasileira sobre as terras referentes ao estado do Acre, entretanto, estabelece, por meio de um Tratado de Comércio e Navegação, a liberação dos rios brasileiros para escoamento de produtos pelo oceano e a construção de uma ferrovia ligando os rios Madeira e Mamoré, partindo do porto de Santo Antônio com chegada na cidade de Guajará-Mirim (OLIVEIRA, 2003).

De 1907 a 1912, a construção da estrada de Ferro Madeira-Mamoré protagonizou a chegada da revolução industrial em Porto Velho. De acordo com Gonçalves (2017), para executar tal feito,

1. O INÍCIO DE UM ESTADO

O INÍCIO DE UM ESTADO

foi necessário que trabalhadores de diferentes países fossem recrutados: Europa, Ásia e as Américas, não excluindo que, em sua maioria, brasileiros compunham a equipe de aproximadamente 20 mil operários, arriscando suas vidas e que em grande parte, foram dizimados por doenças tropicais e conflitos internos. A *Madeira Mamoré Railway Company*, empresa responsável pela construção definitiva da E.F.M.M, foi fundada em 1907 por Percival Farquhar, em Portland (EUA).

Antes que a empresa Madeira Mamoré Railway Co. assumisse a construção da ferrovia, outras empreiteiras tentaram o mesmo feito, sem sucesso. Entre elas, o grupo *May, Jekkill & Randolph* que após instalarem-se no antigo porto amazônico, construíram as primeiras edificações do local para uso administrativo da empresa, além dos alojamentos de técnicos e operários (MATIAS, 2010). O primeiro grande núcleo de ocupação é, portanto, iniciado, na cidade de Porto Velho, pertencente ao estado do Amazonas até então.

Segundo a obra de Matias (2010), a Ferrovia Madeira-Mamoré representa um dos maiores projetos de engenharia instalados na Amazônia, entretanto, sua conclusão tardia, em 1912, durante o declínio do ciclo da borracha, acabou mudando as intenções de utilização da linha férrea. No período, outros países passaram a produzir látex a partir de mudas exportadas da seringueira, até então, de produção exclusivamente amazônica. Essa realidade é modificada apenas no final da década de 1930.

A Segunda Guerra Mundial marcou a década de 1940 e trouxe grandes impactos, Brasil e Estados Unidos firmam um acordo para retomada da produção de borracha para exportação nos seringais brasileiros, em decorrência da produção interrompida

Na Malásia e Tailândia. Este segundo Ciclo é o ponto de surgimento dos trabalhadores conhecidos como Soldados da Borracha, oficializando como militares os indivíduos que se dispuseram ao trabalho nos seringais. A maioria dos imigrantes recrutados, no período, eram nordestinos, entretanto, outros estados da região norte contribuíram para a mão de obra extrativista (PERDIGÃO E BASSEGIO,1992).

Em 1943, Matias (2010), afirma que, o então Presidente Getúlio Vargas, expediu o Decreto-lei nº 5.812 de 14 de setembro de 1943, que definiu o perímetro sob desmembramento de terras pertencentes aos estados do Amazonas e Mato Grosso. A partir de então, surge o Território Federal do Guaporé. A criação do território solucionou uma série de pendências territoriais e políticas, conferindo maior autonomia para a região incorporando ao território municípios muito distantes de suas capitais, tais como Porto Velho e Guajará-Mirim, que pertenciam, respectivamente, aos estados do Amazonas e Mato Grosso.

O fluxo migratório de seringueiros incentivou o surgimento de pequenos e novos núcleos urbanos, como salienta Perdigão e Bassegio (1992). Com o fim da Segunda Guerra, o desinteresse pela produção do látex brasileiro anuncia o desemprego e possível êxodo dos ocupantes conquistados até então. Surge, portanto, a iniciativa de criação das colônias agrícolas, ao longo do território: Colônias do Iata, Candeias, Paulo Leal, Periquitos e Treze de Maio, todas existentes nas proximidades de Porto Velho e Guajará-Mirim. O objetivo do projeto era incentivar novas formas de produção e evitar o abandono da região, mas as condições de produção local dificultaram o êxito da iniciativa.

A construção da BR-029, de Brasília ao Acre, foi um projeto iniciado e interrompido inúmeras vezes, entre os anos de 1932 e 1940. Entretanto, em meados de 1960, a retomada dessa construção com o objetivo de viabilizar o escoamento da produção de minerais, com foco na Cassiterita, parecia lucrativa. Ainda em 1960, é criada a Comissão Especial de construção da rodovia 029, mesmo ano que, posteriormente, o Presidente Juscelino Kubitschek visita a localidade de Vilhena e realiza a derrubada simbólica da última árvore para abertura da rodovia. Em 1961, a BR-029, atual BR-364, é inaugurada em Cuiabá (MATIAS, 2010).

Com base no panorama apresentado, o presente trabalho busca dar continuidade aos resultados obtidos em sua primeira etapa, desenvolvida na matéria de Trabalho de Conclusão de Curso I, no primeiro semestre de 2021. A pesquisa anteriormente desenvolvida, teve como resultado a identificação e caracterização de elementos que configuram a morfologia arquitetônica, presente nas edificações residenciais rondonienses, no período compreendido entre 1910 a 1980.

Portanto, na presente etapa, objetiva-se a análise evolutiva não apenas da morfologia, mas também do programa de necessidades das habitações rondonienses, em comparação aos estilos de vida e classes sociais de seus usuários, nas décadas de 1910, 1940 e 1960. São objetos da pesquisa: compreender principais divergências nas condições de moradia; analisar o programa de necessidades; diagnosticar características morfológicas da edificação; examinar as técnicas construtivas; e identificar as principais transformações arquitetônicas em decorrência do processo de urbanização.



2. CONCEITOS E REFLEXÕES

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Morfologia arquitetônica e relações sociais

As estruturas urbanas são formações complexas constituídas por uma cadeia de ligações. A edificação e suas relações imediatas com o entorno colocam-se como uma das forças estruturantes da cidade, nas quais as dinâmicas cotidianas são responsáveis pela reprodução de processos sociais e econômicos. As relações entre espaços públicos abertos e espaços internos da edificação, bem como as atividades que se desenvolvem neste contexto, constituem uma pequena parcela perceptível de uma rede de relações de alta complexidade, conectada a uma diversidade de atores sociais. Indivíduos que vivenciam e interferem nesta rede de ações e informações compartilhadas, fazendo do interior da habitação, local de interação e troca e um canal de interações com o espaço público (NETTO; VARGAS; SABOYA, 2012).

O estudo elaborado por Netto; Vargas; Saboya (2012), aborda uma reflexão sobre os possíveis efeitos da morfologia de edificações em seu entorno e agentes sociais por um caminho teórico e metodológico. Por meio da análise isolada do espaço público, os autores observam aspectos que influenciam no uso e na morfologia edificada: a densidade populacional e arquitetônica. Localidades com maior ocupação populacional resulta, conseqüentemente, em movimentações mais intensas e frequentes de pessoas, na medida em que envolvem mais serviços e atividades

para uma mesma quantidade de espaços públicos. A abordagem empregada serve como item de observação básico e norteador, a ser considerado no impacto da morfologia na arquitetura das cidades.

Na perspectiva de Lefebvre (2006), as cidades possuem uma linguagem própria e representativa, composta por um combo de elementos e simbologias do espaço e imaginário. O coletivo de experiências, texturas, figuras, paisagens e sons criam um cenário próprio em conjunto com as tradições locais, oriundas dos indivíduos produtores do espaço. É necessário compreender que núcleos urbanos são formados por estes incontáveis elementos, e entre os principais, existem as edificações.

As formas e técnicas empregadas em edificações de um núcleo urbano instalado podem variar, apresentando diferentes graus de continuidade e descontinuidade, afastamentos e recuos que influenciam nas relações do edifício com o terreno implantado. Por consequência, a implantação tem impacto sobre o uso interno e relação dos ambientes dispostos no edifício (NETTO; VARGAS; SABOYA, 2012).

O estudo das formas é uma possibilidade e ferramenta de análise da arquitetura. Entretanto, ao que diz respeito sobre impactos gerados a partir deste conceito, uma série de fenômenos silenciosos se desenrolam no cenário de estudos, capazes de marcar e segregar o ambiente de maneira literal. A segregação territorial surge inicialmente do desejo individual de viver junto a indivíduos socialmente semelhantes. Apesar de sutil e, por vezes,

inconsciente, as dinâmicas que surgem a partir de tais ideais podem levar a ações coletivas modificadoras de grande proporção, tendo impacto, por exemplo, na morfologia da malha urbana (NETTO, et. al., 2019).

De acordo com Netto (2019), as dinâmicas coletivas de segregação podem estar ligadas a motivos inconscientes como o medo da violência, necessidade de *status*, ou o próprio preconceito racial e de classe. O resultado desses fatores é um espaço territorial utilizado como ferramenta de restrição de contato entre os socialmente diferentes.

Há outro fenômeno economicamente rígido que reforça a materialidade e limita aqueles que possuem menor poder de capital, haja vista que, quando salários ou condições financeiras são menores, o resultado é a autoprodução de casas e o caráter emergencial de ocupação de áreas precárias. O padrão espacial segregado não torna-se heterogêneo com facilidade, o que reforça a condição de bairros e vilas sem infraestrutura cada vez maiores e mais populosos (NETTO, et. al., 2019).

Segundo Guerra (1997), numa visão marxista, as condições habitacionais estão essencialmente ligadas à reprodução da força de trabalho. O acesso à moradia de qualidade é significativo para a esfera produtiva, resultando em lucro para a formação social capitalista. Deste modo, surgem as vilas operárias, para abrigar trabalhadores e seus familiares. A reprodução do espaço torna-se uma necessidade para cumprir a demanda residencial.

Refletindo sobre este contexto, Lefebvre (2006) propõe que a partir da estrutura social capitalista, três níveis se entrelaçam: a reprodução das famílias, a reprodução da força de trabalho da classe

3. ETAPAS DE REALIZAÇÃO

MATERIAIS E MÉTODOS

operária e a reprodução das relações sociais de produção. Nessa tríade, o espaço tem a função de fazer com que estes níveis coexistam e se relacionem.

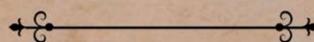
A prática social é o que define a produção e reprodução do espaço, dos lugares e dos conjuntos próprios, de acordo com cada formação social. Essa prática é responsável pela identificação do indivíduo com o seu ambiente de pertencimento. As representações do espaço são definidas a partir de simbolismos, códigos e conhecimentos, que reforçam o processo de identificação do usuário na formação de identidade (LEFEBVRE, 2006).

Portanto, como citado por Lefebvre (2006), a prática social composta pelas ações dos indivíduos formadores dos espaços são condições que determinam a segregação espacial, como também é abordado por Netto (2019). O espaço que inicialmente surge com a função de manutenção das relações de coexistência, torna-se uma ferramenta de segregação social, reforçada, quando há a criação de barreiras físicas, que afastam principalmente as classes mais vulneráveis. Na malha urbana, o resultado é a ocupação de áreas irregulares e a reprodução de uma arquitetura de caráter emergencial, sem infraestrutura, sendo esses aspectos que se relacionam com o objeto de estudo proposto e que pretendeu-se investigar neste trabalho.



O trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como pesquisa de natureza básica. Em concordância com os objetivos propostos, considera-se a classificação de pesquisa exploratória com foco em descobertas e intuições a partir dos levantamentos. Portanto, para alcançar os objetivos propostos, os seguintes procedimentos metodológicos foram abordados: levantamento de campo, pesquisa documental, revisão de literatura, análise e organização dos dados, análise morfológica do plano de necessidades e volumetria de edificações.

3.1 Levantamento de campo



A etapa de levantamento de campo mostrou-se como uma das mais importantes no processo de reconstituição das habitações, bem como sua planta baixa e programa de necessidades. O processo foi feito por registro interno e externo nas edificações remanescentes analisadas. O material necessário nas avaliações é composto por câmera fotográfica para registro de imagens e detalhes construtivos, trena eletrônica para levantamento de distâncias e proporções e material de anotação e desenho. A etapa foi complementada com informações coletadas pela plataforma Google Maps.

Figura 1 – Fotografia de levantamento de campo em Porto Velho/RO.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

Figura 2 – Imagens de levantamento de campo em Vilhena/RO.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

3. ETAPAS DE REALIZAÇÃO

MATERIAIS E MÉTODOS

3.2 Pesquisa Documental

A etapa de pesquisa documental tem grande relevância no processo. Foi executada por meio da busca de informações em registros documentais, como leis, relatórios institucionais e fotografias de domínio público ou disponibilizadas em fóruns e grupos nas redes sociais. Assim como, plataformas de pesquisa que disponibilizam jornais antigos, como Núcleo Informatizado de Memória e Pesquisa do IFRO - NIMPI e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE foram fontes relevantes no processo de investigação.

Figura 3 – Recorte do Jornal Alto Madeira, publicado em 1917.



Fonte: NIMPI (2018).

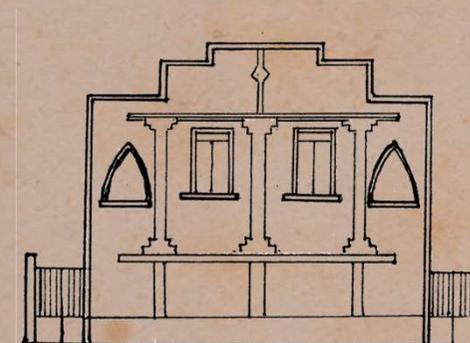
3.3 Revisão de Literatura

As principais fontes bibliográficas foram livros impressos e artigos científicos sobre a história do estado de Rondônia e teoria da arquitetura e urbanismo. O acesso à bibliografias de fontes distintas sobre a história do estado gerou a necessidade de refinar informações divergentes por meio de comparação de dados. Em seguida, deu-se início a análise e organização dos dados obtidos e discussão dos resultados. As fontes bibliográficas foram imprescindíveis para a reconstrução, por croqui, da planta baixa das edificações inacessíveis, baseado em relatos de imigrantes a respeito das habitações.

3.4 Análise Morfológica

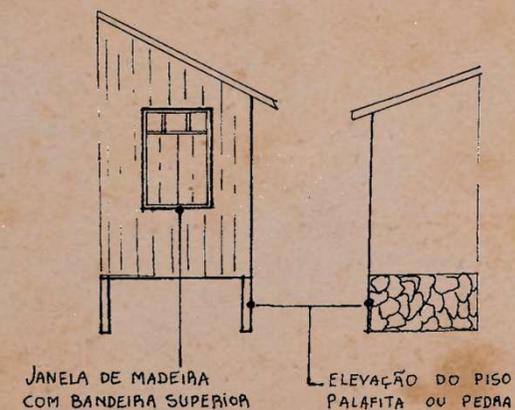
A elaboração de croquis foi a abordagem escolhida para que a análise da pesquisa fosse realizada. Optou-se por registrar a volumetria e a planta baixa das edificações escolhidas por desenhos em nanquim, destacando apenas os elementos construtivos e materiais a serem discutidos na morfologia das fachadas e planta baixa. Dessa maneira, iniciou-se a análise da relação espacial e estética das edificações, relacionados aos usos desses espaços, condições sociais dos usuários e período de construção.

Figura 4 – Croqui de fachada elaborada para o Trabalho de Conclusão de Curso I.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

Figura 5 – Análise morfológica elaborada para o Trabalho de Conclusão de Curso I.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

4. ARQUITETURA E RELAÇÕES SOCIAIS

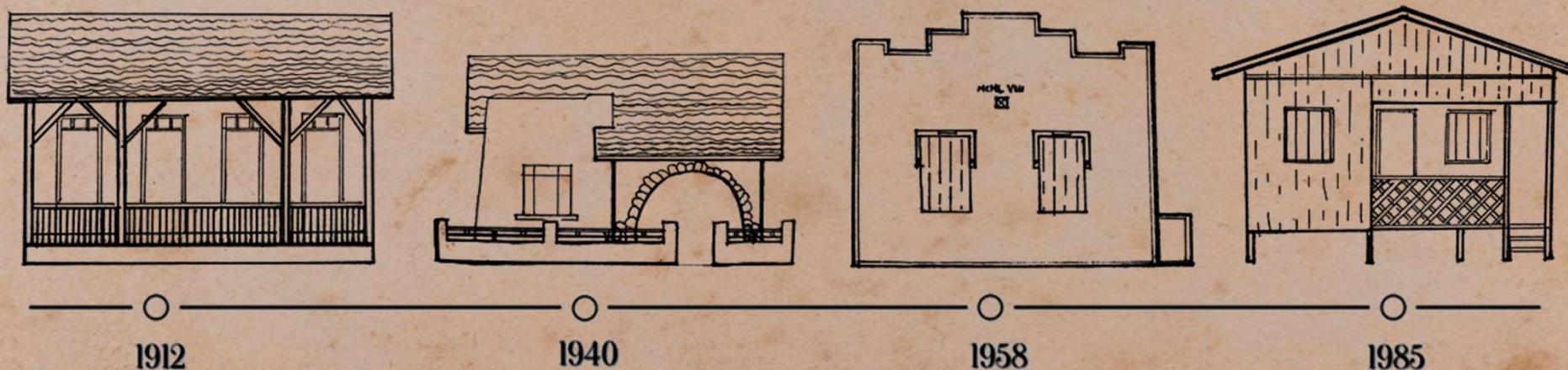
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A metodologia aplicada para a segunda etapa desta pesquisa, de caráter exploratório, resultou em descobertas únicas. Na primeira etapa da pesquisa, desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso I, realizada no primeiro semestre de 2021, o estudo teve foco na análise da evolução das edificações a partir das fachadas em um período de tempo mais abrangente, de 1900 a 1980. Como resultado, foi possível estabelecer uma linha do tempo com as principais características e evolução morfológica externa das edificações

Para a segunda etapa da pesquisa, optou-se por investigar além da morfologia das fachadas, o interior dessas residências e o plano de necessidades. Entretanto, um dos fatores observados de grande influência na tipologia construtiva foi considerado na etapa atual: as condições sociais dos usuários.

Compreendendo o nível de análise proposto, três períodos foram escolhidos correspondentes aos ciclos econômicos com colonizações de grande impacto. Cada um dos períodos é representado por duas tipologias de habitação, considerando as condições sociais locais: residência de alto padrão econômico e residência de baixo padrão econômico.

Figura 6 – Linha do tempo de habitações rondonienses de 1912 a 1985.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

4.1 PRIMEIRO CICLO DA BORRACHA

HABITAÇÕES EM 1910

Segundo Carvalho (2010), desde 1892, muitas foram as tentativas de construir uma estrada de ferro para escoamento de produtos superando as barreiras naturais entre os rios Madeira e Mamoré. Somente em 1903, após a assinatura do Tratado de Petrópolis, o Brasil se compromete a construí-la, sob a responsabilidade da empresa norte-americana *May, Jekyll & Randolph* que além da construção da estrada, concluiu as instalações da sede administrativa, oficinas, serraria, galpões, alojamentos e residências.



4.1.1 Os Casarões de madeira

Os casarões de madeira da E.F.M.M., também conhecidos como “Casarões dos ingleses”, foram importantes edificações das quais poucos registros são encontrados. A análise morfológica dessas edificações só é possível por meio de documentos e fotografias, pois a tipologia arquitetônica apresentada não existe mais no estado de Rondônia.

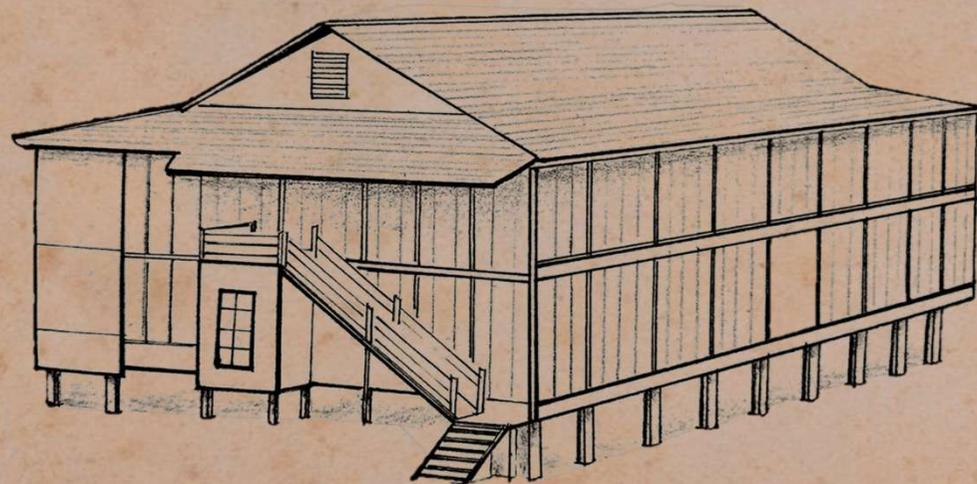
Em 1908, a emissão de uma ordem de serviço autorizou a mudança do ponto inicial da Ferrovia Madeira-Mamoré, abandonando o ponto inicial instituído anteriormente, em Santo Antônio, e instalando, definitivamente, o canteiro de obras no

local que, em 1914, foi oficializado como o município de Porto Velho. As primeiras edificações construídas eram para abrigar engenheiros, topógrafos e desenhistas, médicos e funcionários de escritório, todos recém chegados dos Estados Unidos (FERREIRA, 2005).

As habitações destinadas aos administradores contrastavam com os alojamentos efêmeros, destinados aos demais trabalhadores, uma vez que as edificações possuíam vedações em madeira de pinho de riga, com amplas varandas protegidas em tela

de cobre no entorno da residência, elevadas do solo por estruturas semelhantes a pilotis de concreto, pois os construtores temiam as ações das enchentes e o contato da madeira com o solo úmido. Não era possível executar movimentações de terra como aterro e compactação. A elevação com uso de estruturas em concreto foi uma solução favorável para aumentar a vida útil das residências (CARVALHO, 2010). No geral, as edificações apresentavam cobertura em duas ou quatro águas, acessos por escadas externas e uma ampla varanda coberta ao redor da habitação, representado na figura 2.

Figura 7 – Croqui em perspectiva de casarão de madeira em Porto Velho, 1910.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

4.1 PRIMEIRO CICLO DA BORRACHA

HABITAÇÕES EM 1910

No livro, “A Ferrovia do Diabo”, Ferreira (2005) aborda detalhes específicos dessas edificações e afirma que não foram previstas, no projeto original do canteiro de obras, mas que foram necessárias em vários pontos da linha férrea como abrigo e manutenção, conhecidas como casas higiênicas. O termo refere-se a proteção contra os ataques de insetos, pois utilizava-se de instalação de telas de cobre nas varandas, visível na figura 2.

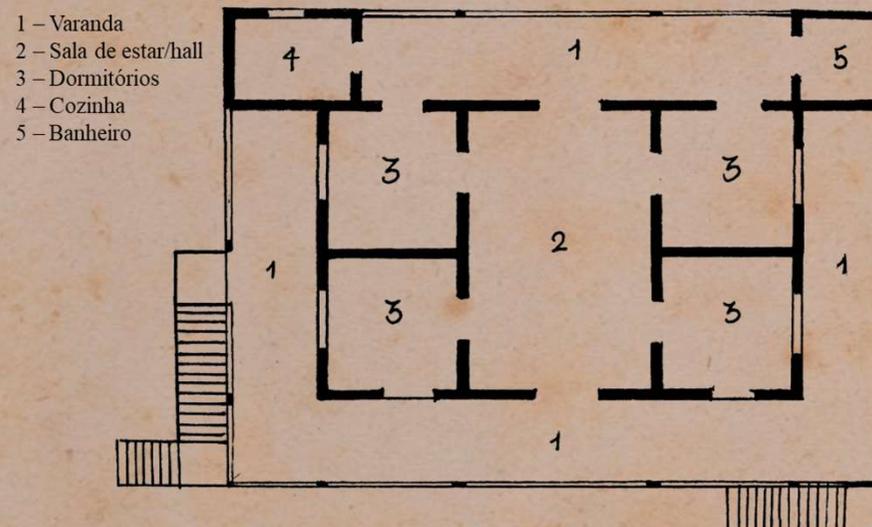
Para compreender o plano de necessidades e desenvolver uma representação da planta baixa dessas habitações, o processo de pesquisa foi impactado pela ausência de registros, pesquisando por possíveis referências arquitetônicas reproduzidas por ingleses e norte-americanos. A princípio, a primeira possibilidade, trata-se da arquitetura colonial britânica, e para estabelecer comparativos com os casarões edificados pela *Madeira Mamoré Railway Company*, buscou-se compreender melhor as condições e necessidades de imigrantes, ao se instalarem em países com contextos semelhantes: condições climáticas, necessidades de trabalho, escassez de recursos e período semelhante à construção da Ferrovia Madeira-Mamoré.

O local onde identificou-se correspondências foi o estado de Queensland, na Austrália, que em meados de 1880, existiam edificações muito semelhantes à arquitetura produzida, em Porto Velho, em 1910. Cathy Keys (2020), relata que os primeiros arquitetos e colonos britânicos começaram a adaptar os projetos das casas em Queensland, da década de 1860, em resposta ao calor, umidade, tempestades e inundações. A partir da década de 1870, as casas foram erguidas do chão, criando espaços frios, sombreados e utilitários sob a casa.

A casa em Queensland era emoldurada e revestida em madeira, com áreas de estar localizadas sob um grande telhado piramidal, revestido de ferro galvanizado corrugado. Varandas elevadas um andar acima do solo, em "tocos" de madeira de lei, criavam a área de estar embaixo da casa, aberta e bem sombreada. Nas varandas em casas de Queensland, nessa época, era feito o uso de tecidos, vegetação e cortinas para reduzir a visão do céu e a luz do sol (KEYS, 2020).

A partir do panorama apresentado e análises desenvolvidas, foi feita a representação de um dos casarões construídos em Porto Velho, mesclando as informações coletadas em fotografias externas e os conceitos apresentados da arquitetura colonial britânica produzida na Austrália.

Figura 8 – Representação de planta baixa de um casarão de madeira da E.F.M.M, 1910.



A planta baixa representada na figura 3, ilustra o pavimento superior da edificação, referente ao uso residencial. O acesso é feito por escadas externas que levam a um cubículo de entrada com duas portas, fazendo com que houvesse um pequeno intervalo de tempo entre a abertura da primeira porta e a porta seguinte. As portas, inclusive, possuíam um sistema automático para que, ao serem abertas, pudessem se fechar sozinhas, reduzindo a invasão de insetos (FERREIRA, 2005).

O primeiro cômodo trata-se de uma varanda coberta que circunda a edificação, protegida por telas de cobre. Os cômodos privativos localizam-se ao centro da planta: uma sala central, com portas de acesso às varandas, e os dormitórios distribuídos nas laterais da sala, cada um com janelas e uma porta de acesso às varandas. Cozinha e banheiro são cômodos independentes, localizados nos extremos da planta.

4.1 PRIMEIRO CICLO DA BORRACHA

HABITAÇÕES EM 1910

4.1.1 As Casas de Taipa

Durante as obras de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré em 1910, o crescimento populacional em Porto Velho foi intenso. Além dos 22 mil homens contratados e residentes dos acampamentos, o núcleo urbano principal contava com uma população de 800 pessoas, oriundas de outras regiões do país e, principalmente, da Vila de Santo Antônio. Não havia moradia para tantas pessoas, o que deu origem a um processo de ocupação irregular de residências simples e sem infraestrutura de saneamento ou abastecimento (CARVALHO, 2010).

Na Vila de Santo Antônio, essa era a tipologia residencial mais empregada. Segundo os relatos de Tomlinson (2014), um inglês que vivenciou o estilo de vida amazônico, no início do século XX, a Vila tratava-se de um amontoado de casas brancas construídas em solo elevado e distribuídas ao longo de uma única rua. Possuíam um único nível, construído em barro, com reboco de cal desgastado. Eram abertas e sem portas para permitirem a circulação de ar (TOMLINSON, 2014). De acordo com a descrição de Tomlinson (2014), estima-se que essas moradias não possuíam divisões internas, sendo usadas em sua maioria como dormitórios. As habitações são citadas por Carvalho (2010),

caracterizadas pela alvenaria de adobe¹ ou pau a pique², com estruturas feitas com estacas de faveiro³, a trama com lascas de paxiúba⁴ e o fechamento com barro cru. A cobertura era feita com palhas de babaçu⁵ e o piso de chão batido ou cimentado, representado na figura 4.

Por outra perspectiva, Neville Craig (1947), ao conhecer a região amazônica e a região da Vila de Santo Antônio, descreve uma das habitações utilizadas por seringueiros indígenas nas pequenas vilas, construídas nos seringais, no final do século XIX.

Em uma de suas expedições é conduzido por um dos trabalhadores à cabana central que caracterizava-se por ser “aberta de todos os lados” referindo-se a um ambiente interno sem divisões físicas, como é representado na figura 5. No ambiente, havia várias redes penduradas e esteiras de palha tecidas que confirmavam o uso do ambiente como dormitório. As demais necessidades diárias, como preparo de refeições, higiene pessoal e limpeza de utensílios eram feitas ao ar livre e nos rios próximos às instalações.

Figura 9 - Croqui de habitação simples construída em Taipa, 1910.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

(1) **Adobe** - Sistema de vedação em tijolos rústicos de barro.

(2) **Pau a Pique** - Técnica construtiva que utiliza de madeiras verticais fixadas no solo e amarradas a vigas horizontais com cipós, formando um painel preenchido manualmente com barro.

(3) **Faveiro** - Árvore de médio a grande porte com copa volumosa, comum no cerrado brasileiro.

(4) **Paxiúba** - Espécie de palmeira com grandes raízes, que fornece cascas resistentes.

(5) **Babaçu** - Espécie de palmeira com folhagem extensa.

4.1 PRIMEIRO CICLO DA BORRACHA

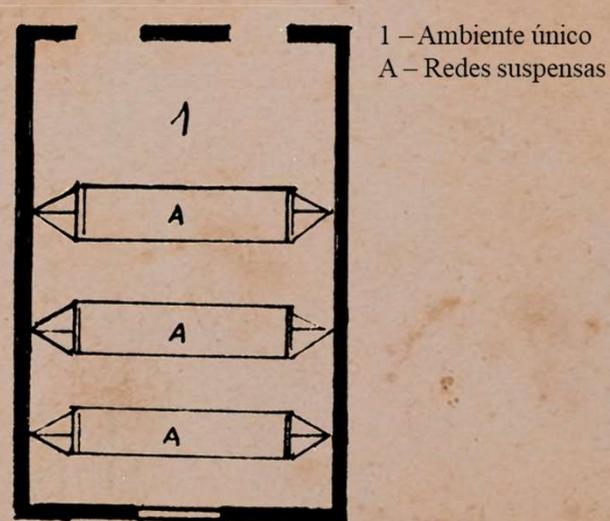
HABITAÇÕES EM 1910

Por outra perspectiva, Neville Craig (1947), ao conhecer a região amazônica e a região da Vila de Santo Antônio, descreve uma das habitações utilizadas por seringueiros indígenas nas pequenas vilas, construídas nos seringais, no final do século XIX. Em uma de suas expedições é conduzido por um dos trabalhadores à cabana central que caracterizava-se por ser “aberta de todos os lados” referindo-se a um ambiente interno sem divisões físicas, como é representado na figura 5.

No ambiente, havia várias redes penduradas e esteiras de palha tecidas que confirmavam o uso do ambiente como dormitório. As demais necessidades diárias, como preparo de refeições, higiene pessoal e limpeza de utensílios eram feitas ao ar livre e nos rios próximos às instalações

A planta baixa reproduzida, baseia-se nas descrições dos autores citados e nas características de fotografias do período, dada a ausência de edificações remanescentes para levantamento de campo. A edificação possuía ambiente único, usado como dormitório e armazenamento de utensílios pessoais. As redes, distribuídas ao longo do ambiente, eram a maneira mais confortável de repouso. O caráter efêmero de boa parte das edificações contribuiu para a simplicidade dos espaços.

Figura 10 - Planta baixa de moradia/dormitório, 1910.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

Figura 11 - Panorama das habitações em pau a pique, Vila de Santo Antônio, 1909.



Fonte: CLARO (2020).

4.2 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

HABITAÇÕES EM 1940

Segundo Matias (2010), no início da década de 1940, os conflitos desencadeados pela invasão das tropas germânicas, na Polônia, resultaram na grande guerra europeia. O governo brasileiro, que era dependente de investimentos externos, assume posicionamento favorável aos interesses dos ingleses e norte-americanos. Getúlio Vargas oficializa a Marcha para o Oeste, iniciativa de incentivo à ocupação e controle das regiões do interior do Brasil, marcada pela visita de Vargas às cidades de Manaus e Porto Velho. Na ocasião, diversos empreendimentos foram inaugurados, entre eles, a Vila Caiari. Ainda durante a década de 1940, ocorre a reativação dos seringais brasileiros e o Segundo Ciclo da Borracha de 1942 a 1945, visando a exportação do látex utilizado na guerra.

4.2.1 As habitações do bairro Caiari

Construídas pela empresa administradora da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, as 41 residências que compõem o bairro Caiari em Porto Velho/RO, iniciaram suas construções, em 1938 e foram inauguradas pelo presidente Getúlio Vargas, em 1940 (CARVALHO, 2010). Em levantamento de campo, realizado nas edificações remanescentes, foi possível constatar que as moradias seguem diferentes padrões de fachada, de acordo com a rua e quadra de locação, com variações de formas e implantação nos

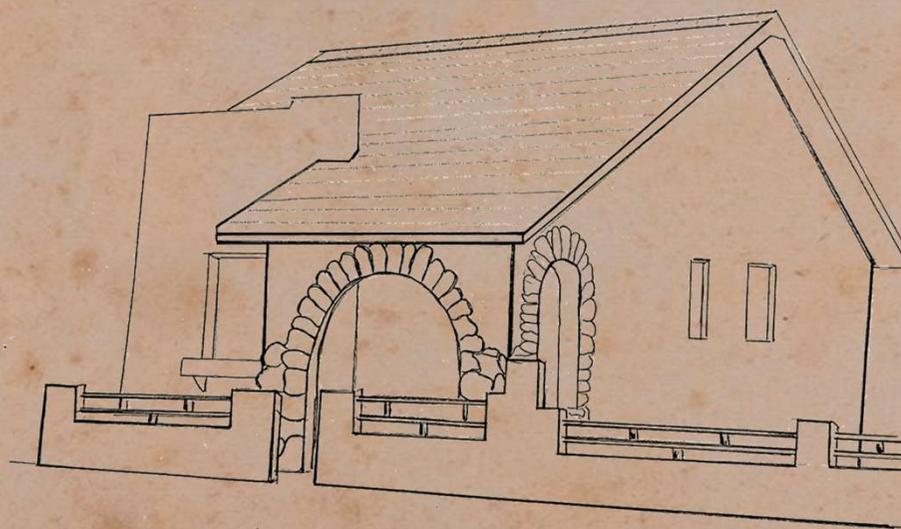
terrenos. São encontrados no bairro, de casas geminadas a habitações mais simples, centralizadas no terreno.

As edificações foram construídas com o intuito de abrigar os engenheiros e diretores da Madeira-Mamoré, portanto, representavam a mais sofisticada arquitetura em alvenaria, casas de alto padrão no contexto portovelhense de 1940.

A tipologia escolhida para a análise é um dos modelos de fácil identificação na paisagem do bairro histórico, representada pelo croqui da figura 6. É locada, ao centro do terreno, que mede

cerca de 8 a 10 metros de largura por 22 metros de comprimento e possui recuos frontais e laterais de 1,5 a 2,0 metros, dados constatados na visita de campo. Possui cobertura de duas águas, revestidas originalmente por telhas cerâmicas do tipo francesa. A fachada assimétrica destaca-se pela alpendre avarandado, delimitado por um arco ornado, que apresenta uma aplicação, cuja textura simula pedras. Na face esquerda da fachada, a parede limítrofe alonga-se além da altura da cobertura, formando uma pequena platibanda. O acabamento é chapiscado e as cores originais são bege com branco

Figura 12 – Croqui em perspectiva de habitação do bairro Caiari, 1940.

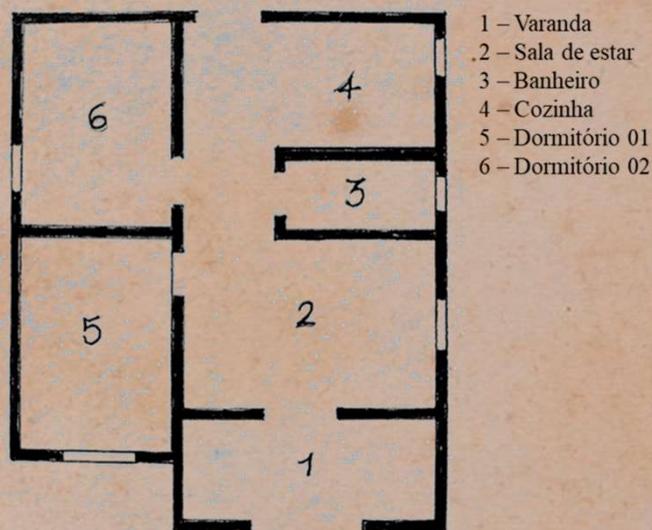


Fonte: Tainá Sousa (2021).

4.2 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

HABITAÇÕES EM 1940

Figura 13 – Planta baixa de residência de 1940, construída para trabalhadores da E.F.M.M.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

Por meio do levantamento de campo, foi possível extrair dados que permitiram a análise espacial da residência, representada na figura 7. A mesma possui, aproximadamente, 90m² resultantes da medida de 8 metros de largura por 12 metros de comprimento, com o plano de necessidades de 6 cômodos: varanda, sala de estar, banheiro, cozinha e dois dormitórios. O acesso da residência é feito pela varanda coberta, local de ênfase na fachada. A sala de estar antecede os demais cômodos, que distribuem-se a partir de um corredor central. À esquerda localizam-se os dois dormitórios e à direita, sala de estar, banheiro e cozinha.

Constatou-se que no projeto original cada um dos cômodos possuía uma janela, além da porta de acesso.

A relação existente entre os cômodos ilustram de maneira geral uma divisão muito bem definida de usos dos espaços. A ampla sala de estar sugere ser o centro da casa e ambiente de maior importância para convívio e recepção de pessoas. Entretanto, a relação entre áreas comuns e privativas, como é o caso dos dormitórios e sala de estar, reduz a privacidade dos quartos, com entradas acessíveis pelo corredor central e sala. A cozinha é posicionada ao fundo, em menor dimensão comparada aos demais cômodos e é totalmente separada da sala pelo banheiro social, sugerindo que este seja um ambiente apenas de serviço.

4.2.2 Habitações dos Soldados da borracha

Durante a Segunda Guerra Mundial, a necessidade de reativação dos seringais brasileiros resultou na implantação do 2º Ciclo da Borracha, que ocorreu de 1942 a 1945. A partir do Decreto-lei nº 5.225, de 1º de setembro de 1943, em que Getúlio Vargas cria o Batalhão da Borracha, unidade militar formada por seringueiros enviados à Amazônia. Neste cenário, surgiram dois personagens de grande representatividade, diferenciados pelo modo de recrutamento e atração migratória (MATIAS, 2010).

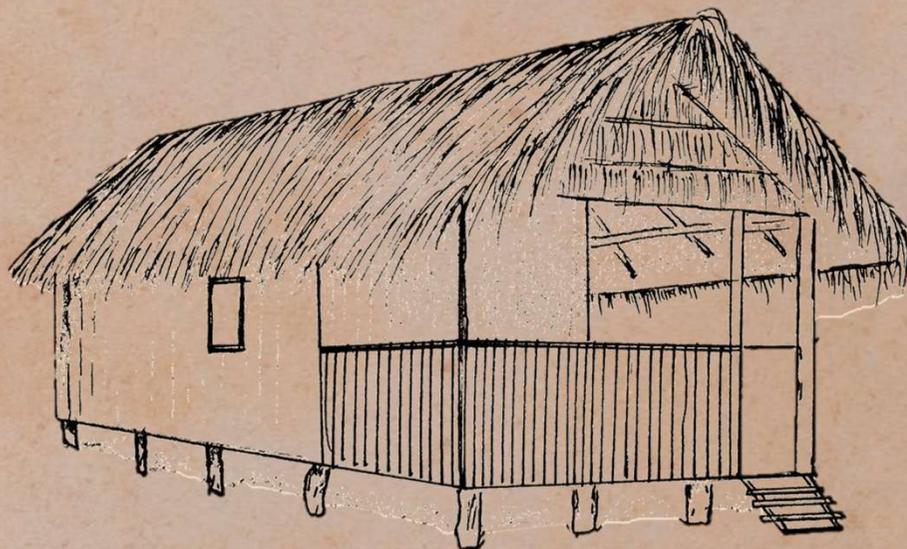
Segundo Matias (2010), o Soldado da Borracha era o jovem em idade de incorporação às forças armadas, recrutado no Nordeste pelo SEMTA - Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia. O segundo personagem, menos conhecido, era o Arigó, imigrante nordestino que trabalhava de forma voluntária e assalariada, atraído pelo CAETA - Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia. O termo “Arigó” referia-se de maneira pejorativa a nordestinos analfabetos e inexperientes no serviço de extração da seringa. Em Porto Velho, o historiador Palitot (2011), afirma que os Arigós instalaram-se na região conhecida como araçazal, próximo ao bairro Caiari, morando em casas pré-fabricadas de madeira ou em barracões improvisados, este fluxo resultou na criação do bairro Arigolândia.

Pouco foi registrado sobre o estilo de vida destes moradores de Porto Velho representantes da população mais simples. Entretanto, em regiões vizinhas, como é exemplo o estado do Acre, há registros do funcionamento e características de algumas moradias construídas por seringueiros.

4.2 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

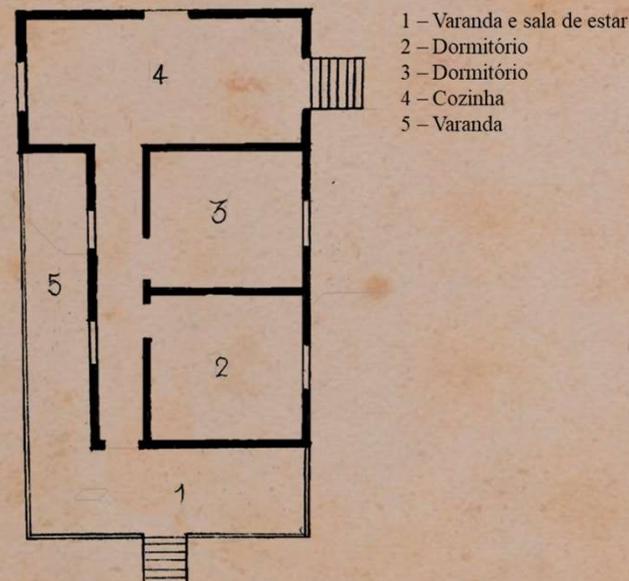
HABITAÇÕES EM 1940

Figura 14 – Planta baixa de residência de 1940, construída para trabalhadores da E.F.M.M.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

Figura 15 – Planta baixa das moradias de seringueiros amazônicos, 1940.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

(6) **Tapiri** - Cabana de palha com esteios de galhos.

(7) **Ouricuri** – Alta palmeira nativa da caatinga brasileira.

(8) **Vernacular** – Técnicas primitivas e materiais retirados da natureza.

De acordo com a pesquisa desenvolvida por Lima (2010), as primeiras habitações foram as barracas ou Tapiris⁶, que utilizavam a madeira paxiúba, palhas de palmeiras ou do ouricuri⁷, retirados da floresta, de acordo com a figura 8. No cotidiano, cozinham em latas e dormiam em chão batido sobre palhas secas ou em redes. As primeiras moradias surgem no contexto das densas matas amazônicas de clima equatorial, quente, úmido e com grande disponibilidade de materiais vernaculares⁸. Trata-se de um abrigo

integrado à natureza e integrado à mata, utilizando madeiras de apoio, e cobertura em palha, ambientes abertos e avarandados e o nível elevado do assoalho. O autor ainda sugere que muitos destes elementos tenham sido resgatados de construções indígenas.

A planta baixa da edificação, representada na figura 9, é composta por 5 ambientes, com acesso pela varanda que contorna parcialmente a residência em “L”. Um corredor antecede

os dormitórios e a cozinha ao fundo, que aparenta ser um espaço não só voltado às atividades domésticas, mas ambiente de estar, tal qual a varanda. No contexto dos Soldados da Borracha, essas moradias abrigavam famílias de imigrantes nordestinos. Observa-se a ausência de banheiro no interior da edificação, sugerindo que esse tipo de instalação era ausente ou inserida distante da moradia.

4.3 CONSTRUÇÃO DA BR-29

HABITAÇÕES EM 1960

Segundo Matias (2010), o projeto de construção de uma rodovia de acesso à Amazônia surge em 1956, quando o presidente Juscelino Kubistchek lança a campanha "Marcha para o Oeste", incluindo a construção da nova capital Brasília e a abertura das estradas Brasília-Belém e Brasília-Acre. Nomeada como BR-029, a rodovia Brasília-Acre deveria atravessar o território Federal do Guaporé ligando Porto Velho a Cuiabá.

A construção da BR-029 impactou significativamente o processo de colonização do estado de Rondônia. A década de 1960 marca o início de novos processos colonizatórios e a descentralização populacional nas proximidades da capital Porto Velho. A abertura de uma rodovia fez surgir uma série de novos núcleos urbanos ao longo da estrada.

4.3.1 Habitações do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem

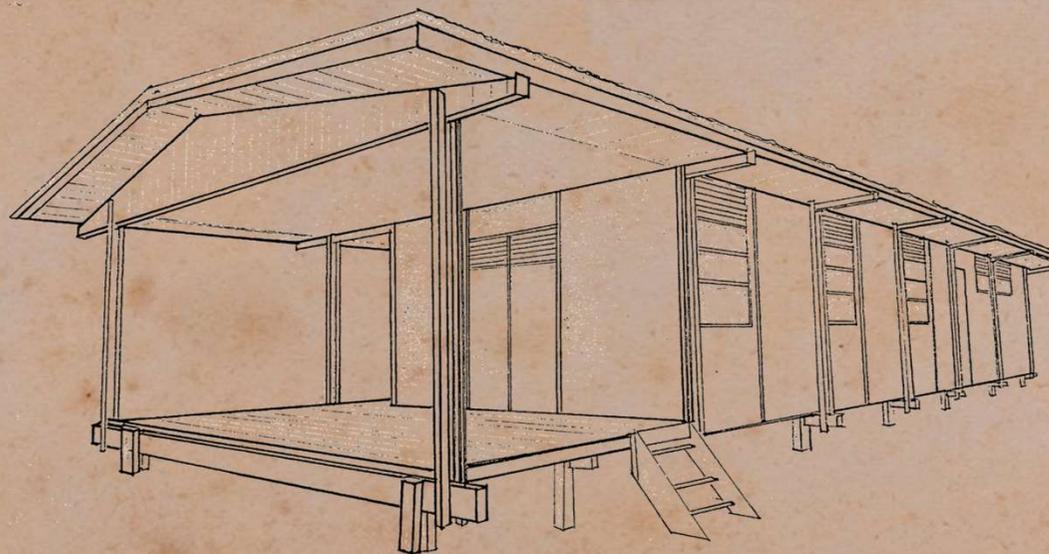
Em 1966, instalou-se o 5º Batalhão de Engenharia e Construção (5º BEC). Trata-se de uma unidade militar representante do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem

(DNER). Eram responsáveis por obras da BR-029, atual BR-364, no desenvolvimento da infraestrutura de pontes de concreto e demais instalações básicas, ao longo da rodovia, além de possuírem a guarda de bens e instalações da Ferrovia Madeira-Mamoré. Fixaram aquartelamento nas cidades de Vilhena, Vila Rondônia e Porto Velho (MATIAS, 2010).

Como constatado por Cavalcante *et al.* (2016), no extremo do estado, em Vilhena, a construtora Camargo Corrêa, em 1960, instalava no local um grande canteiro de obras, responsáveis pela construção da

primeira pista de pouso da região. Dado este fator, uma das habitações escolhidas para a análise do período é o exemplar de edificação remanescente das instalações da construtora Camargo Corrêa e do DNER, que de acordo com o grupo Memória Vilhenense (2013), trata-se de uma edificação pré-moldada, transportada em peças por caminhões vindos do Rio de Janeiro, e montada em seu terreno original, utilizada como residência de engenheiros na vila montada pelo 5º Batalhão de Engenharia e Construção em 1966.

Figura 16 – Representação de habitação de engenheiros do DNER, 1960.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

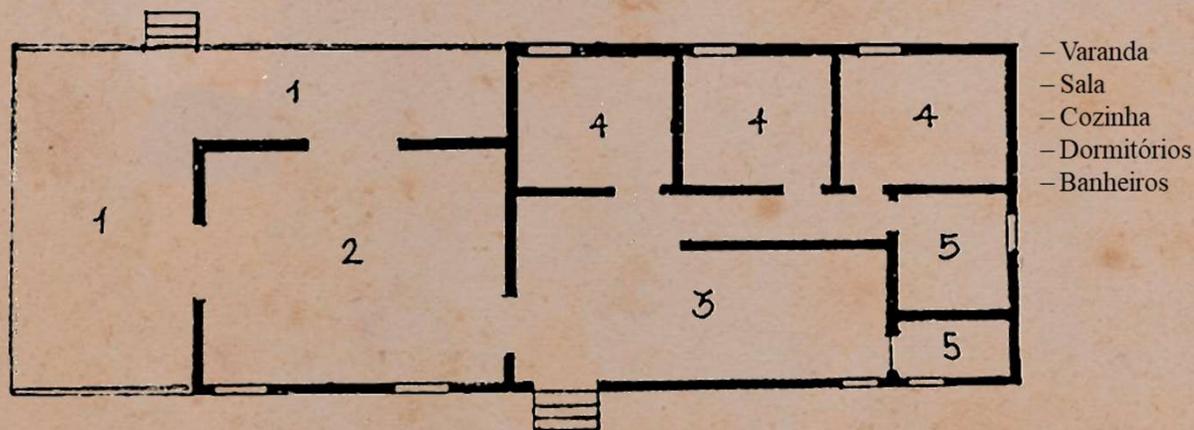
4.3 CONSTRUÇÃO DA BR-29

HABITAÇÕES EM 1960

Por meio do levantamento de campo foi possível registrar que a edificação construída, totalmente em madeira, possui características que em nada se assemelham às outras edificações do entorno, como pode ser observado na figura 10. Foi construída com uma elevação de 60 centímetros em relação ao solo, com pilares de madeira concretados. Esta solução possivelmente foi a razão da conservação das estruturas originais da habitação, protegendo a madeira da umidade do solo.

As estruturas principais aparentes possuem encaixes intertravados entre vigas e pilares, fixados com parafusos para este fim. São detalhes que exibem muita precisão no planejamento e execução da estrutura. As vedações externas e divisões internas são feitas com compensado naval de alto desempenho. As varandas e o piso interno são de assoalho de madeira feito em ripas estreitas, mesmo sistema utilizado no forro interno e externo da edificação. A cobertura em duas águas possui inclinação pequena e utiliza telhas originais de zinco. As grandes janelas possuem abertura do tipo maxim-ar, com três bandeiras de vidro liso e uma bandeira superior com ripas de madeira que permitem a circulação de ar. As cores originais da edificação são azul e branco.

Figura 17– Representação da planta baixa de habitação de engenheiros do DNER, 1960.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

Como constatado por meio de levantamento de campo e registrado na figura 11, o acesso à residência é feito pela varanda que tem formato em “L” e contorna a sala de estar. Duas grandes portas dão acesso à sala, que trata-se do maior ambiente da residência. Uma pequena abertura permite o acesso à área privativa, com cozinha, banheiros e dormitórios. O estreito corredor isola a cozinha dos dormitórios e de um dos banheiros. Cada dormitório possui aproximadamente de 8 m², equipados com um guarda-roupas embutido de portas de correr, originais da construção.

O segundo banheiro, de uso social, tem acesso pela cozinha. Foi possível constatar, ainda, que a edificação possui encanamentos de metal originais com sistema de aquecimento de água que era utilizado nos banheiros. A qualidade e conforto das instalações da moradia expressam um padrão residencial elevado para o local na década de 1960.

4.3 CONSTRUÇÃO DA BR-29

HABITAÇÕES EM 1960

4.3.2 Habitações na Agricultura



Em contraste com as habitações de engenheiros e militares que trabalhavam nas construções, ao longo da BR-029, uma outra realidade existente eram as habitações de imigrantes atraídos pelo garimpo e pela agricultura.

Em sua pesquisa sobre o estado de Rondônia, Hervé Théry (2010) registrou algumas habitações destinadas aos trabalhadores do campo no final da década de 1960. O autor revela que a agricultura rondoniense era praticada a partir das políticas de colonização públicas ou privadas ou por meio da infiltração espontânea de pioneiros nos territórios, em grande parte, pioneiros nordestinos, em busca de novas oportunidades. As técnicas de desflorestamento e sistemas e práticas culturais eram semelhantes em todos os grupos. Os principais grãos cultivados eram o arroz, milho, feijão e a mandioca, alternados durante os meses do ano.

Quanto às edificações encontradas nos campos, os padrões implantados eram simples, feitos de galhos e cobertas de palmas de modo a escoar a água das fortes chuvas da região. As habitações poderiam se assemelhar ao tapiri comum em instalações dos seringais, ou ainda, quando o colono fosse antigo residente amazônico, as edificações poderiam ser instaladas sobre palafitas, técnica comum em regiões alagadiças. Casas mais resistentes eram

feitas de tábuas talhadas com machado ou serra, ou eram erguidas com paredes de pau a pique, o que reduzia a durabilidade, visto que a técnica que utiliza barro nas vedações era melhor adaptada às condições do nordeste árido do que às chuvas amazônicas abundantes. A representação por croqui da figura 12, baseia-se em uma tipologia de construção mista, paredes de tábuas horizontais e pau a pique (THÉRY, 2010).

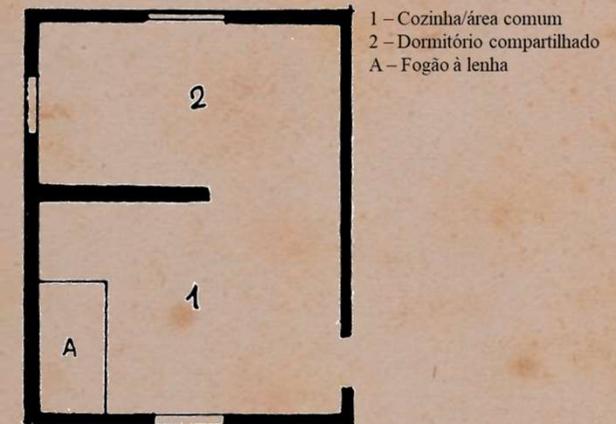
Na abordagem de Théry (2010), essa tipologia residencial é descrita como um espaço que possui poucos mobiliários, no interior das edificações apenas os utensílios de uso básico como redes e baús com objetos.

Figura 18 – Representação de habitação de agricultores.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

Figura 19 – Representação de planta baixa de uma habitação rural.



Fonte: Tainá Sousa (2021).

Um dos elementos fixos é o forno de argila de funcionamento a lenha, com uma bancada que serve de apoio para utensílios e preparos. O estilo de vida precário não permite acesso fácil a água tratada ou sistemas de esgotamento eficientes.

As edificações residenciais de agricultores colonizadores são abordadas por Miranda e Dorado (1998), que relatam a ausência de dormitórios separados na organização espacial interna, como é visto na figura 13. Com base nas discussões dos autores citados e análise de fotografias históricas, a reconstituição da planta baixa de uma dessas edificações considera a simplicidade e o uso compartilhado dos ambientes.

4.4 A EVOLUÇÃO EM TRÊS DÉCADAS: ASPECTOS INTERNOS E EXTERNOS DAS EDIFICAÇÕES

As habitações analisadas representam características de acordo com as condições dos locais nas quais foram inseridas. A partir destes dados, é possível estabelecer uma comparação de aspectos construtivos e relação entre ambientes, pontuando as principais modificações entre décadas.

Nas primeiras habitações, no início do século XX, construídas para administradores da E.F.M.M., o que se nota é a importação de técnicas da arquitetura europeia. Inicialmente, destaca-se a grande escala dos casarões, com ambientes amplos e com dois pavimentos, sem implantação em terreno delimitado por barreiras físicas. O cuidado com o conforto se expressa nas instalações, presença de ventilação contínua e preocupação com a segurança contra ataque de animais. Na planta baixa, a varanda tem destaque, sendo ligada a todos os ambientes. Observa-se o fato de ambientes como cozinha e banheiro serem separados nas extremidades da edificação, a cozinha como local de serviços e banheiro por questões de higiene.

Em contraponto, as habitações do início do século XX improvisadas por seringueiros e operários aplicavam técnicas totalmente vernaculares. Sem recursos, as casas não possuíam sistema de esgotamento, contribuindo para as condições precárias de saúde e higiene. Composta de um ambiente único, pequeno em estilo “cabana”, a função principal era apenas para dormitório, pois as demais atividades eram feitas ao ar livre.

Em 1940, no contexto do município de Porto Velho, o padrão residencial mais elevado são edificações inseridas sob a condição de vila operária. Uma mesma tipologia residencial

reproduzida, com o conforto de instalações de energia, abastecimento de água e esgoto. A construção feita em escala muito menor em comparação aos casarões dos americanos, implantada em um terreno com pequenos recuos. O programa de necessidades da edificação revela a otimização do espaço. Neste contexto, banheiro e cozinha fazem parte do interior da moradia, entretanto, seguem escondidos das áreas comuns, instalados ao fundo da edificação. A pequena escala da cozinha sugere que o espaço seja de curta permanência, diferentemente, da sala de estar e dormitórios.

Longe das vilas operárias, no núcleo urbano de Porto Velho, as habitações nas áreas de seringais seguiam um modelo ainda semelhante ao aplicado décadas antes, no que diz respeito às técnicas e materiais vernaculares. Sofreram influência da arquitetura nordestina dos Soldados da Borracha, e agregaram mais cômodos ao programa de necessidades, que deveriam atender às famílias completas dos colonos.

Na década de 1960, o transporte de uma residência pré-moldada ao estado de Rondônia representava algo muito distante da realidade local em técnicas e estilo, mas de grande representatividade por marcar a abertura da BR-029 e a abertura do estado para a modernidade e desenvolvimento. Observa-se a necessidade em construir com rapidez e funcionalidade, uma habitação simples e confortável. A planta baixa revela o uso das varandas e sala de estar como principais áreas comuns, no entanto, a cozinha surge mais integrada com uso mais destacado. Os dois banheiros na planta são totalmente integrados, com um de acesso

aos quartos e um de uso social. Os dormitórios são ambientes menores e sugerem curta permanência de tempo, um aspecto que contrasta em relação às habitações abordadas nas décadas anteriores.

Os impactos gerados pela abertura da BR-029 refletiam-se, principalmente, nas novas ocupações que surgiram ao longo da estrada. Os pequenos núcleos urbanos instalados longe da capital enfrentaram os desafios da ausência de recursos novamente. A agricultura familiar é uma alternativa para imigrantes pobres, que construíram suas residências reunindo materiais acessíveis nas matas e adaptando elementos da própria cultura. A planta baixa reproduz um padrão simples, que assemelha-se às residências de operários, do início do século XX, simbolizando o recomeço em uma outra região. Cabe enfatizar que habitações semelhantes ainda são encontradas em regiões afastadas no interior no estado.

Portanto, com base nos dados levantados é possível finalizar a análise pontuando fatores de influência dos padrões habitacionais citados, representantes das classes sociais abastadas e vulneráveis. As construções produzidas para a classe alta, em todos os casos, influenciada pela arquitetura de outros países e estados, como uma tentativa de reprodução da morfologia, com adaptações necessárias às condições de clima e relevo. Em contraposição, as construções da classe baixa, que podem ser classificadas como autoconstruções, são as representantes da mais autêntica arquitetura regional, integradas à paisagem, utilizando-se das técnicas e matérias disponíveis na região.



5. CONSIDERAÇÕES PARA O FUTURO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo sobre os modos de viver e edificar no estado de Rondônia surge como uma nova perspectiva de compreender a formação do espaço em que vivemos, e que passou por intensas transformações. Ao realizar uma simples busca, é possível observar as poucas produções bibliográficas que tomam como objeto de estudo as edificações rondonienses e suas influências. Dado este fator, a presente pesquisa foi realizada para explorar e extrair informações das mais diversas fontes, em busca de respostas e reconstrução das habitações representantes dos modos de vida que fizeram e ainda fazem parte da identidade rondoniense.

Considerando o trabalho desenvolvido na primeira etapa, os resultados apontam referências muito diversificadas na morfologia da arquitetura, pois compreendeu-se que além do impacto dos ciclos econômicos, outras condições como localização, classes sociais e cultura pessoal de cada construtor imigrante possui grande impacto no resultado visual e funcional de cada edificação.

Os fatores citados nortearam os resultados obtidos, que destacam a influência da arquitetura estadunidense e do sudeste do Brasil reproduzida para as classes sociais mais abastadas, e a arquitetura vernacular, criada de acordo com as condições de material e clima oferecidos e de caráter mais sustentável, destinada aos imigrantes de classes sociais mais pobres.

O desenvolvimento toma como base muitas informações que só puderam ser registradas por levantamento de campo, motivados pela ausência de registros documentais e bibliográficos. Em contraponto, algumas das análises executadas tiveram como fonte apenas registros documentais das tipologias que não mais existem. Foi de interesse deste trabalho, além da análise, criar um breve inventário de edifícios que perderam-se no tempo e, principalmente, das edificações remanescentes que por falta de políticas públicas de preservação do patrimônio, também não resistirão à ação do tempo e à modernização das cidades.

O caráter inédito da pesquisa abre caminho para novas possibilidades e desdobramentos, a partir do trabalho desenvolvido. As cidades amazônicas nascem, em sua maioria, com base na arquitetura dos povos indígenas, como abordada por etnólogos e demais pesquisadores. Entretanto, existe a carência no registro das construções produzidas com referências das habitações indígenas. Acredita-se que as relações espaciais das edificações rondonienses merecem ser melhor exploradas nas pesquisas científicas futuras no meio acadêmico e social.



REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Washington Heleno, et al. **Olhares da mídia na Amazônia: movimentos e manifestações**. Porto Velho: EDUFRO, 2016.

CLARO, Luis. **Aspecto da vila de Santo Antônio do Rio Madeira [...]**. Porto Velho, 20 de mar. 2020. Facebook: Luiz Claro. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=10216660847739058&set=gm.114867049213759>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

CRAIG, NEVILLE B. **Estrada de Ferro Madeira-Mamoré: História Trágica de uma expedição**. Brasil :Companhia Editora Nacional, 1947.

KEYS, CATHY. **Shifting priorities of shade and northern Australian architecture: Colonial settlement prior to the 1920s**. ABE Journal [En línea], 17 | 2020, Publicado em 06 setembro de 2021. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/abe/8008>>. Acesso em: 13 OUT 2021.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo: editora melhoramento Ltda, 2005.

GONÇALVES, José Manoel Ferreira. **História das Ferrovias do Brasil: Volume I Madeira-Mamoré**. Curitiba: Sendas Edições, 2017.

GUERRA, Isabel. Um olhar sociológico sobre o alojamento. **Sociologia – Problemas e Práticas**. Nº 24, 1997, pp. 165-181.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006

MATIAS, Francisco. **Formação histórica e econômica de Rondônia: do século XVI ao século XXI**. Porto Velho: INDAM, 2010.

MEMÓRIA VILHENENSE. **Esta é a última construção que continua em pé do antigo 5º BEC em Vilhena [...]**. Vilhena, 16 nov. 2013. Facebook: Memória vilhenense. Disponível em:<<https://www.facebook.com/groups/539968546039975/posts/596964700340359/>>. Acesso em: 20 OUT 2021.

NETTO, Vinicius M. et al. **Efeitos da Arquitetura: os impactos da urbanização contemporânea no Brasil**. Brasília: FRBH, 2019.

NETTO, V. M.; VARGAS, J. C.; SABOYA, R. T. de. **Revista Brasileira de Gestão Urbana** (Brazilian Journal of Urban Management), v. 4, n. 2, p. 261-282, jul./dez. 2012.

NÚCLEO INFORMATIZADO DE MEMÓRIA E PESQUISA DO IFRO (NIMPI). **Alto Madeira – 1917**. Disponível em <<https://nimpi.ifro.edu.br>>. Acesso em: 26 OUT 2021.

PALITOT, Aleks. **Assim surgiu o Bairro Arigolândia**. 2011. Disponível em: <<https://alekspalitot.com.br/assim-surgiu-o-bairro-arigolandia/>> Acesso em: 07 OUT 2021.

PERDIGÃO, Francinete; BASSEGIO, Luiz. **Migrantes Amazônicos Rondônia: a Trajetória da Ilusão**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. **Geografia de Rondônia: Espaço & Produção**. Porto Velho: Dinâmica Editora e Distribuidora LTDA, 2003.